



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcantar, e...

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Azulay;—*Primavera*, soneto, por Carlos Sertorio;—*Angola e Congo*, por Alberto Telles;—*A' mesa*, traducção de Vidigal Salgado;—*A arsenalada*, por Marques Gomes;—*As nossas gravuras*;—*Um conselho por semana*;—*A rir*;—*Em familia (passatempo)*;—*O côro dos Anjos*, conto, traducção de Alfredo Gallis;—*A cavallina*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS: João Henrique Morley;—*Envenenamento de Sophonisba*;—*O imperador Alexandre II, da Russia*;—*Modas*;—*Thomazia Velloso*;—*Mexico*.

CHRONICA

A primavera mostra-se gentil com esta coquette e formosa Lisboa que todos amamos. O sol esplende em caricias tepidas, fecundantes e animadoras, sobre o solo humido, d'onde brota, cheia de uma seiva luxuriante, semi-tropical, toda uma flora riquissima. Bebe-se no ar o perfume subtil das flores desabrochadas.

Não admira, pois, que esta encantadora revivescencia da quadra primaveril traga á alma da multidão essa expansão sublime que se traduz desde a sombria noite de 20 do passado, em carinhosos concertos e saraus a favor dos trinta e nove orphãos e oito viúvas portuenses que escaparam milagrosamente do improvisado *quemadero* do Baquet.

Não admira. A alma portugueza é grande na sua sensibilidade, como a de um povo que tem soffrido muito. Só os povos poderosos pela riqueza e pelo numero é que são egoistas, e nós somos uma familia, não um aggregado de conquistas ou federações. Somos muito poucos, para não ouvirmos, de um a outro extremo da fronteira,

o grito lancinante dos que soffrem. O incendio do Baquet, illuminou todo o paiz. A pequenez da nossa area territorial, tornou esse clarão, sinistro e rubro, ainda mais intenso; é por isso que elle se reflecte ainda sobre os nossos corações e os obriga a palpitar como no primeiro dia.



JOÃO HENRIQUE MORLEY

Tudo tem um fim, ainda a magua mais intensa: nem de outra forma se concebe a vida. E' necessario que role tambem a alegria pelas faces, enchendo o sulco cavado pelas lagrimas. E' necessario.

Ao principio foi a espontanea, eloquente e commovedora sofreguidão de um povo pobre, despejando en-

cantadoramente o seu *porte monnaie* nos capacetes dos bombeiros e nas sacólas das mil e uma commissões de soccorros. Foi um espectáculo magestoso.

Hoje, recorre-se a esses dois grandes fascinadores da palavra, que se chamam—Pinheiro Chagas e Antonio Candido, para condensar n'um feixe luminoso de eloquencia todas as impressões, todos os gritos das victimas, n'uma appellação suprema, que é um atordoamento da caridade.

Se a voz d'aquelles dois grandes espiritos fechasse, como um laço de brilhantes, a corôa entretecida de graciosos sacrificios feitos por todo o paiz, seria magnifico; mas vemos, com horror, que mais saraus se preparam, que as subscripções não fecham as suas fauces insaciaveis, e que, depois da musica e da oratoria, teremos os jornaes unicos!

Para o jornal unico da imprensa, intitulado *Lisboa-Porto*, á imitação do celebre *Paris-Murcia*, publicado por occasião das inundações em Hespanha, consta que os nossos vates já derramaram de tal modo a sua inspiração, que se calcula terem os directores do jornal recebido poesias que enchem dez volumes in-folio!

Percorrendo as columnas dos jornaes, especialmente os das provincias, alguem havia notado já a sua pobreza poetica. Em compensação, cada folha parecia ter um bombeiro na redacção, tal era a riqueza de observações technicas sobre o serviço dos incendios.

Tudo está nobremente explicado, pela greve dos poetas em favor do jornal unico, *Lisboa-Porto*, afóra os outros unicos que estão em projecto.

Os poetas d'hoje, segunde parece, já não recitam. Trememos, só de pensar o que seria de tantos mancebos esperançosos, se não lhes viesse em auxilio a invenção parisiense do jornal unico.

No sarau de S. Carlos, dado pela imprensa a favor das victimas, não appareceu um poeta. A figura originalissima de Gonçalves Crespo, a sua dicção primorosa, a musica da sua voz, tudo se sumiu na campa, tudo abateu no pó. E a lyra maviosa jaz por terra, esquecida e triste.

Pinheiro Chagas é um poeta, mas não recita em publico. Diante da multidão, discursa em prosa. O seu habito da tribuna, costumou-o a dar largas ao vô da sua imaginação poderosa na inspiração do momento, servindo-se das primeiras palavras que lhe acodem aos labios como um nababo riquissimo, que atirasse pela janella fóra do seu palacio punhados de pedrarias deslumbrantes, sem hesitar na escolha. A multidão maravilhada é que as aparta e admira.

O seu discurso em S. Carlos, foi isto.

Apaixonado como sempre, elle teve quadros de uma delicadeza infinita, impossiveis de descrever aqui. O publico fez-lhe uma ovação enorme. E' o seu orador querido, o que lhe falla mais ao coração.

E quando elle disse que era tambem um resuscitado?

Ha certos momentos na vida de um homem popular, que o indemnizam de todos os soffrimentos, por mais agudos e crueis. Aquelle instante, devia ser um d'esses.

O sarau de S. Carlos teve, além da *resurreição* de Pinheiro Chagas, o concurso de outro poeta pela alma, que falla tambem em prosa, e que supponos, nunca escreveu um verso: foi Antonio Candido.

Vem de longe, de Coimbra, do Porto, a fama d'este orador, primeiro entre os primeiros de Portugal. Philosopho, pensador profundo, academico consummado, artista da palavra. Todos se recordam ainda da sensação extraordinaria que produziu a sua estreia no parlamento. E' o mesmo homem, um pouco desilludido com respeito a questões politicas, mas cheio de um sincero en-

thusiasmo perante tudo o que é grande como o movimento de caridade que sacudiu todo um povo.

Disse um jornal que, em S. Carlos, algumas senhoras se sensibilisaram até ás lagrimas quando fallaram os oradores. E' que os nervos das nossas gentis patricias teem passado por uma bem rude prova n'esta semana terrivel, em que a Sarah Bernhardt morre todas as noites em D. Maria, ao som dos soluços reprimidos das suas admiradoras.

Tambem na casa de Almeida Garrett se chora, e os lenços de finas rendas agitam-se sobre o velludo *grenat* da borda dos camarotes.

A grande tragica despertou um pouco menos enthusiasmo do que da primeira vez que visitou Lisboa. Em compensação, pagou-se mais caro. Talvez este motivo arrefecesse o enthusiasmo. E de facto, qual seria ahi o amanuense demasiadamente heroico e demasiadamente litterato, que se empenhasse para todo o sempre, a fim de obter das mãos de um contratador, um fauteuil por seis mil reis?

Jamais se viu, entre nós, amanuenses com tal grandeza d'alma.

A critica da nossa terra tem dito *una voce* que a illustre tragica não póle servir de modelo, porque usa uns processos que são só d'ella, mas que se lhe desculpam pela scentelha do genio que sabe imprimir na estranha interpretação scenica dos seus personagens.

Será assim. E n'este caso, ao mesmo tempo que isso seja uma consolação para as nossas actrizes, igual deve ser para o amanuense pobre e litterato, o qual deve comprehender que uma actriz tão excepcional, tão exotica, que não póde servir para estudo, para confronto, só serve para gente rica vêr!

Depois de apontar os transees porque passou a doce sensibilidade indigena na semana ida, viria muito a proposito discretear sobre o caso da troca dos frascos no laboratorio dos peritos chimicos, os srs. Alves e Drack.

Os frascos d'aquelle laboratorio estão de tal maneira baralhados, que eu faço votos para que todos os senhores assassinos o ignorem sempre.

E' n'estes momentos que desejaria ver o famoso methodo de João de Deus para bem longe, visto todos os jornaes terem feito, em volta das descuidadas personalidades dos dois *eximius* peritos, a leada de que elles não se entendem com a frasqueira.

AZULAY.

PRIMAVERA

(A Guilherme Telles de Menezes)

No cume d'esse altissimo rochedo
Que o triste son do mundo ainda ignora,
Eu te fui adorar (quem não te adora!)
O' céu azul!... Em bando ameno e ledo

Erguendo te uns bons cantos de folguedo,
Eu vi as aves, com a voz sonora;
Vi mais, em pleno idyllo, estrella e aurora,
E as nuvens,—não sei lá qual o segredo

D'aquella paz—, beijavam-se passando!
A's nuvens perguntei e áquella bando
Alpestre que voava:—«A f'licidade

«Que tendes, onde está? Aves, que é d'ella?»
Replicz-me uma alegre philomela:
—«Homem, pois tu não vês?... A liberdade!»

ANGOLA E CONGO

Conferencias por F. A. Pinto

II

E' arido e triste o aspecto da costa da Africa. Quem, segundo refere o sr. Pinto, demanda Angola, como antigamente, do lado do Rio de Janeiro, vê ao longe no horisonte uma estreita e longa fita branca; é o areal da costa, extenso, raso, inhospito. Navegando para o norte, vai nos sempre acompanhando uma praia desolada que «parece um oceano de areia, ainda mais inimigo da vida do que o Atlantico que nos faz desejar terra.»

Dobrado o Cabo Negro, no qual se avista distinctamente o padrão da descoberta de Diogo Cão, e a ponta sul da bahia de Mossamedes, cuja alegre villa como que sorri ao viajante, dando a lembrar uma praia de banhos de Portugal, espairocem os olhos, fatigados pela irradiação do sol e dos areaes, nos primeiros representantes da vida vegetal.

E ao passo que se avança para o norte vai augmentando a importancia dos rios e da vegetação.

Passemos algumas paginas relativas á descripção de rios e á formação geologica dos terrenos, para darmos resumidamente noticia das riquezas mineraes de Angola.

Cabe o primeiro lugar ao ouro, cujos filões se devem encontrar perto de Capangombe, onde se dão as condições indicadas pela sciencia para a existencia d'elles. Um allemão descobriu, não ha muito tempo, um filão aurifero na Huilla, cuja região confina com aquella. Em Quilenges, que é limitrophe, foi encontrado ouro, e as minas do Lombidje, ha muito conhecidas, estão já talvez em exploração.

O ferro é vulgarissimo em toda a provincia de Angola, e «na margem do rio Lucalla, em Oeiras, vêem-se ainda as ruinas da grande obra, mandada construir alli pelo marquez de Pombal para a exploração do ferro e applicação d'estas aptidões indigenas» (em trabalhar o ferro).

São afamadas as minas de cobre do Bembe, e no Ambrizete appareceu a curta distancia da costa, e quasi a descoberto, grande quantid. de de minerio de cobre de superior qualidade.

Tambem não póde duvidar-se que haja prata dentro da provincia ou nos sertões de leste, porque os indigenas, para quem a prata é o metal nobre por excellencia, talvez por ser branco, fazem d'ella pequenos objectos, só para uso dos sobas e dos macotas.

Occupa 29 paginas d'este excellente livro a descripção circumstanciada da vegetação da zona alta, média e baixa—divisão que, seja dito de passagem, póde ser taxada de menos rigorosa, na opinião do auctor, por ser possível encontrarem-se na zona média altitudes superiores a muitas da zona alta. Adoptou-a, porém, o sr. Pinto por auxiliar a coordenação das idéas e ter commoda applicação aos diversos ramos da geographia.

Eis como as define o illustrado conferente:

«A zona baixa começa, pelo lado do sul, por esses areaes desertos e inhospitos, a que ha pouco me referi; e estende-se para norte até aos confins boreaes do nosso territorio, sempre com poucos relevos, e esses tanto menos importantes, quanto mais perto do mar.

«A zona média... constituida pelos relevos orographicos continuos, que fazem a transição da baixa para a alta, é quasi toda montanhosa.

«A zona alta confina com esta pelo lado do oriente, e estende-se para leste, muito além dos limites da nossa occupação efectiva.»

Na zona baixa apparecem alguns cactos semelhantes ao que é vulgarmente denominado melão; servem de comestivel aos habitantes de Mossamedes, pela escacez de vegetaes que possam ser empregados para esse fim. Alli tambem se encontra a *Veltrichia mirabilis*, de forma tão extraordinaria, que serve perfeitamente de banco de jardim, sem que seja necessario empregar o trabalho do homem. Tanto no jardim como no museu botanico da universidade de Coimbra ha bonitos exemplares d'essa planta. Nas proximidades do rio Curoca, ha tambem, «raras e pequenas moitas de um pequeno arbusto, junto de cujas raizes se criam uns tuberculos semelhantes á mandioca ou ao inhame, que servem de alimentação ao indigena mucuroca nas occasiões de fome, e não tem sabor desagradavel. Seguindo para leste, é maior a vegetação: vêem-se os *odres*, nome posto pelos nossos colonos a uma planta que nasce por entre as pedras, e é tal qual um odre no formato e na cor.—«Agora diz o sr. Pinto—começam as moitas do celebre arbusto chamado *unha de gato*, terrivel auxiliar das feras para dilacerar as carnes dos que lhes fogem. E' uma mimosa muito parecida com a nossa esponjeira dos jardins e cujo nome lhe vem da grande semelhança dos espinhos com as unhas d'aquelles carnivoros: tem apenas o tronco mais baixo, e, enquanto as moitas estão isoladas assenta a copa no chão. Foi tão extraordinaria a impressão, que me causou a dureza do aguçado e adunco espinho

d'esta planta que só me parecia poder obter-se effeitos semelhantes de um arbusto feito d'aço, com o mesmo formato. Quando ao passar por ella, pela primeira vez lhe toquei com a mão, tive logo dois sulcos de mais de um millimetro de profundidade, e tão bem cortados, como se o fossem por um bisturi.»—As moitas da unha de gato chegam a formar um matto cerrado.

Entre as arvores, cumpre notar o *muteate*, excellente para combustivel. Parte-se com facilidade e arde perfeitamente, até estando verde. Os pretos, quando vão de jornada, servem-se d'essa arvore para afugentar as feras, em quanto elles dormem. Rodeiam de paus de *muteate* o sitio onde tem que pernoitar, lançam-lhes fogo no topo e deitam-se, cada qual entre dois fachos. «O colchão é a cinza das antigas fogueiras alli feitas para o mesmo fim. O céu cobre e proteja aquella rude simplicidade que tanto confia no seu invento; porque o leão e o leopardo que muitas vezes rugem em volta, param a respeitosa distancia, e retrocedem amedrontados, pelo luzir da braza viva no topo do pau do *muteate*, que vêla pelos dormentes.»—Mais para leste apparece o imbondeiro, que já foi denominado *elephante vegetal*, porque, visto de longe, os imbondeiros confundem-se com elephantes. São muito variadas as suas applicações: a placenta branca do seu fructo, come-se; misturada com agua e assucar, é um bom refresco. A casca do mesmo fructo, que é muito rija, serve para vasilha ou para caixa acustica de instrumentos musicos. Do seu tronco, grande e ôco, fazem os indigenas deposito de agua; das folhas uma ignaria, semelhante ao nosso esparregado, e da casca cordas, tecidos grosseiros, e até uma especie de saia curta que usam as mulheres de Quissama.

Do *liconde* ou fibra do imbondeiro, affirma o sr. Pinto que vem já hoje muitos mil fardos para a Europa, afim de serem transformados em papel e outros productos, e dá-nos ainda esta curiosissima informação:—«O imbondeiro dá, além disso, um optimo abrigo dentro do seu tronco ôco. Eu conheci um no Vumpa, por detraz da Quissanga no rio Zaire, que tinha ao rez do chão uma porta, e offerecia dentro o ambito de uma torre de aldeia, em cuja capacidade cabia uma cama, sobejando ainda espaço para fazer fogo e cozinhar.» Mencionemos tambem a caçoneira e o cacto candelabro, que muito se parece com os nossos pinheiros mansos, o aloes, o iffe, a videira brava, a incendeira (especie de figueira), o cajueiro, o jasmineiro bravo, valhacontado das cobras e um sem numero de outras plantas e arvores, cuja madeira, como se sabe, é preciosa. E' muito importante a cultura da canna sacharina.

Começando a tratar da zona media, fez o sr. Pinto em poucas paginas a soberba descripção de uma floresta virgem. São das melhores do seu livro, e sinto devéras não poder trasladar para aqui essa magica narrativa, por muito extensa. Contentem-se os leitores com estas linhas: «As veredas pela floresta virgem só podem ser seguidas a pé, obrigando-se o caminhante a variada gymnastica para avançar pouco, cançando-se muito. Nem já são caminhos de cabras; parece a trilhada de serpentes. Umas vezes terá de saltar por cima de uma grossa raiz, outras de se curvar passando sob um seio de cipó, ou por baixo de um tronco deitado; e muitas vezes terá de rodeiar como que monstruosas torres, que vê perderem-se para cima na espessura da folhagem para irem largar as suas pernas a formar a copa em altura onde a vista não a póde alcançar, por causa da ramaria interposta.»

A planta caracteristica da zona média é o cafeeiro. O ananaz é muito vulgar, sendo magnifica a producção das bananeiras, mangueiras, abacateiras, jacubeiras, pitangueiras, arvores do pão, fructas do conde, da pinha, do coração da India, bem como da colleira, goiabeira, cajueiro, lorangeira, milho, feijão, batata doce, aboboras, ginguba e mandioca, e para uso dos proprietarios e negociantes muitas das plantas das nossas hortas. O sr. Pinto faz ainda especial menção do maboque, semelhante á romã, muito succulento, acido e aromatico, e da traçoieira *quintua* que «póde até certo ponto concretisar-se na mancenilha dos poetas.» *Quintua*, quer dizer, queima muito. Lê-se a pagina 46 a minuciosa e perfeita descripção d'essa franzina trepadeira.

Em toda a extensão da zona alta chove muito e regularmente, e as gramineas do planalto são optimo pasto para os ruminantes, e em especial para os bois dos povos que n'ella habitam. O trigo e o arroz produzem muito com pouco trabalho, mas esta circumstancia não anima a tentar uma exploração em larga escala, por não haver transporte commoda e rapido d'esses productos para os mercados da Europa. Prosperam tambem muitas arvores exóticas, e o auctor viu «lá pecegueiros, lorangeiras, figueiras e eucalipos tão lindos como os mais desenvolvidos em Portugal».

Tracta seguidamente o sr. Pinto da geographia zoologica e ethnica.

Esta parte da sua obra dá duas grandes novidades a muita gente. A primeira é que os leões fogem do homem, a segunda que os macacos nadam!

O leão que parece habitar só do rio Quanza para o Sul, nos districtos de Benguella e Mossamedes, intimida-se do homem, cuja destemida presença respeita, e é inoffensivo a maior parte das vezes. O sr. Pinto cita mais de um facto comparativo d'essa asserção, e um d'elles é o seguinte:—«Um proprietario da Biballa, que veiu a Capangombe, quando eu alli estava, depois de se ter demorado quasi todo o dia, e a proposito de não sei que his-

toria, é que se lembrou de me dizer que tinha encontrado um leão no caminho da Assumpção, por onde eu tinha passado pouco tempo antes d'elle, de madrugada. O homem tomou o partido que, segundo é sabido, deve tomar-se em taes circumstancias; parou e ficou o animal, que, a principio indignado ou admirado, terminou por mostrar receio e retirou-se, em attitudão semelhante á dos gatos, que se affastam de uma pendencia, sem terem jogado a unhada.—Não se cuide, todavia, que em Africa não ha medo dos leões, e para os leitores se convencerem d'isso basta referir-lhes este outro facto, que é engraçado:—«D'outra vez um proprietario de Mossamedes trouxe para casa uns leõesitos, que conseguiu arranjar, na mente de os criar e mandar para a Europa. Já nem se lembrava que os paes poderiam procurar a sua prole, quando um dia, estando a jogar com alguns amigos sobre a meza de jantar, que estava provisoriamente installada n'uma barraca coberta de esteiras viram cabir do tecto, rompendo as, um leão que assustado por aquella estranha situação fugiu pela proxima janella aberta, sem já se lembrar dos filhos, que estavam alli perto e o atrahiram lá pelo cheiro ou pela voz.—Os donos da casa também não esperaram outra visita: foram pressurosos depositar os filhos em logar onde fosse facil aos paes encontral-os.»

Não é menos chistoso um caso succedido com o sr. Pinto n'uma caçada aos macacos, que se safaram a nado:—«No rio Dande, na fazenda Gratidão, vi macacos que desmentem a crença vulgar de elles não nadarem. Era uma só familia, composta de poucos membros, installados n'uma grande *mufumeira* á margem do rio, d'onde fazia sortidas e depredações na plantação da canna, causando grandes estragos. O proprietario resolveu exterminal-os; e eu fui também á caçada. Nós, confiados em que elles tinham no rio uma barreira invencível, atacamol-os contra a margem, não lhe deixando fuga por outra parte. Os animaes viram-nos armados de espingardas, e comprehenderam o nosso plano: ao chegarmos a distancia de tiro ouvimos grande alarido de pretos do outro lado do rio, a perseguir os fugitivos. Presentiram-se perdidos e por isso resolveram atravessar o rio a nado, tomando tão cautelosas precauções contra o ataque provavel do crocodilo, que escaparam todos sãos e salvos!»

O auctor faz ainda menção de outros carnivoros: o leopardo, «muito vulgar em todo o territorio de Angola e Congo, e tanto mais perigoso, quanto mais raream os mammiferos de que elle mais vulgarmente se alimenta; o gato d'Algalia, de cujos productos se fazia d'antes um commercio importante,» e se encontra frequentemente por ambas as margens do Zaire, em toda a região do Congo; a hyena denominada em Loanda *quimalanca*, muito vulgar também em Angola e Congo; a *magomballa*, uma variedade da hyena, que na região florestal do Cazengo, e especialmente no Golungo Alto «é a mais temivel de todas as feras. Ataca atrevidamente, até de dia, e a muitas pessoas juntas.» Observa o sr. Pinto que os pretos tem a respeito da *magomballa* a mesma superstição que o nosso povo tem com o phantastico lobis-homem. «A *magomballa* para elles não é uma fera, mas sim um homem, um feiticeiro, que tem o poder sobrenatural de tomar aquella forma feroz, para matar e comer os homens.» D'esta velha crença é derivada uma dança, chamada da *magomballa*.

ALBERTO TELLES.

A' MESA

Quando o copeiro—e que homem! que abdomen respeitavel sob o amplo colete de casimiral Que rosto! vermelho, sisudo, digno, encaixilhado n'umas fartas suissas louras... Uma presença de par do reino, palavra de honra!...—quando, diziamos nós, o imponente copeiro annunciou solemnemente, em voz de baixo profundo a um tempo sonora e respeitosa: «vae servir-se o jantar,» cada um dos convidados collocou o seu chapéu sob as cantoneiras da sala; os cavalheiros mais considerados offereceram o braço ás damas e passaram á sala do jantar, silenciosos, n'um recolhimento solemne, como quem acompanha uma procissão.

A baixella deslumbrante! as flores a rodol! a luz a jorros! Cada commensal sabia facilmente o logar que lhe era destinado. Apenas encontrava o cartão fino e assetinado onde estava escripto o seu nome, immediatamente um lacaiço, trajando casaca verde e meia de seda, affastava da mesa, muito de manso, a cadeira respectiva, uma cadeira fôfa, com um brazão de condessa, bordado a fio de ouro no espaldar.

Quatorze convivas ao todo; não eram mais: quatro damas jovens ainda, amplamente decotadas, e dez cavalheiros pertencentes á aristocracia de sangue ou do merito, ostentando n'essa noite as suas condecorações honorificas, em homenagem a um diplomata estrangeiro, que tomara assento á direita do dono da casa. N'uns, pendiam das casacas das casacas uma fiada de pequeninas condecorações; scintillavam no peito d'outros as commendas brilhantes. No peito d'um general destacava-se no peitilho luzidio da camisa uma pesada cruz pendente d'uma fita vermelha.

As damas ostentavam as suas mais ricas toilettes e os enfeites e joias mais esplendentes.

Selecta e elegante reunião, na verdade...

Que atmospheria de bem estar n'aquella sala espaçosa, de tectos altos, perfumada e tepida!

As paredes estavam decoradas com magnificas telas representando a natureza morta, em que se revelava o apurado gosto d'outras epocas, onde n'uma promiscuidade artistica se misturavam os fructos, a caça, as virtualhas de todos os generos.

O serviço effectuava-se sem ruido. Os criados quasi não andavam; deslisavam por sobre os tapetes espessos e macios, nomeando ao ouvido dos convidados a qualidade dos vinhos, em tom de confidencia, como quem revelasse um segredo de que dependesse toda a sua vida.

Ao começo do jantar cada qual travava conversação com o seu visinho mais proximo, trocando com elle, a meia voz, banalidades, quem sabe?...

Que affabilidade em todos os olhares e sorrisos! Que polidez nos gestos comedidos! Que delicadeza no trato!

Ao servirem-se os vinhos generosos, o espirito começou de explodir.

Os homens, a maioria d'elles, idosos, ou pelo menos já maduros, notaveis todos pelo nascimento, ou pelo talento, de larga experiencia do mundo, espiritos cheios de recordações, feitos de molde para a palestra interessante e animada.

A belleza das damas mais excitava os naturaes recursos d'aquelles espiritos, cortezmente rivaes.

Esfusiavam os finos gracejos, cruzavam se os chistes repentinos e a conversação alastrava-se parcialmente por grupos de tres e de quatro.

Um dos convivas, que viajara por todo o mundo, homem de tez bronzeada, recémchegado do fundo do deserto, descrevia aos seus visinhos do lado uma caçada aos elephantes, tão natural e despertenciosamente como se lhes contasse uma corrida ás lebres.

Mais distante, um homem já idoso, de perfil aristocrata e cabello completamente branco, inclinava-se com um modo jovial para a condessa, mulher esvelta, loura, olhar juvenil e intelligente, pescoço curto como a Venus de Medicis, collo d'uma belleza profissional, onde scintillava um collar de esplendidas esmeraldas.

A condessa escutava com particular interesse as palavras dos seu interlocutor.

Decididamente, o banquete era além de sumptuoso, encantador! Não havia receio de que o enfado, esse hospede importuno e tão frequente n'uma grande parte das festas, viesse sentar-se á mesa.

Este grupo de gente feliz ia passar uma hora deliciosa; gozar por todos os sentidos...

Um contraste porém:

Na extremidade da mesa, no logar mais modesto, um homem ainda moço, o menos qualificado, o mais obscuro de todos os que se achavam presentes, um d'estes homens de imaginação, um scismador, mixto de poeta e de philosopho, conservara-se até então silencioso. Admitido na alta sociedade, merecedor da sua alta fama de artista, mas despido de vaidades, filho do povo, que elle nunca esquecera, aspirava voluptuosamente essa flôr da civilização chamada boa sociedade. Era elle quem mais e melhor que outro qualquer, apreciava como tudo n'aquelle meio, o encanto das mulheres, o espirito dos homens, a baixella coruscante, a elegante decoração da sala e inclusivamente o precioso vinho com que acabára de humedecer os labios, como tudo aquillo, diziamos nós, era raro, escolhido e distincto!

Congratulava-se n'aquelle momento o nosso poeta, de como era possivel reunir-se a um tempo um conjuncto tão harmonioso de coisas tão agradaveis. O nosso comensal estava como que mergulhado n'um banho de optimismo.

Sentia um regosijo intimo ao reflectir em que houvesse n'este mundo, não só ali, mas em muita parte, creaturas quasi completamente felizes.

Comtante que essas creaturas não fossem inacessiveis á compaixão e á beneficencia—e dos convivas presentes todos o eram decerto—que mal adviria d'essa grandeza, d'esse bem estar, d'essa felicidade?...

E que lisongeira, que consoladora chimera, não seria o suppor que a todos elles a Providencia havia feito mercê de todos os encantos e seducções da vida!

Que todos aquelles eleitos da sorte conservariam sempre, ou quasi sempre, a luz radiosa da felicidade no olhar, aquelle sorriso jubiloso e descerrar-lhe os labios, izentos das preoccupações materiaes da vida, das obrigações plebeias, das enfermidades abjectas!...

Estava n'este ponto das suas cogitações o personagem que poderemos cognominar de philosopho, quando um lacaiço collocára na meza, com soberba solemnidade, uma travessa de magnifica louça do Japão, com um rodovalho de dimensões collossaes, um peixe phenomenal como os que só se encontram nos quadros antigos da Pesca milagrosa, ou, quando muito, em exposição n'algun armazem de productos alimenticios, admirado pelas hordas de rapazio que se acotovella á porta.

Serviu-se o peixe.

Ao ver diante de si, no prato, um pedaço do monstruoso rodovalho, o aroma acre do peixe despertou no espirito do philosopho, propenso á associação de idéas, a recordação da aldeia



ENVENENAMENTO DE SOPHONISBA

Specimen das gravuras da «Historia de Roma»

de pescadores onde havia passado parte do estio, e presenciado a furia irremediável das agoas. Lembrava-se das noites de tormenta em que os barcos dos pescadores não tinham podido aproar á praia. Que vida a d'aquella pobre gente! Quantas viúvas encontrára elle, novas e velhas, com os seus chales de luto, sahirem ao romper do dia, rodeadas de creanças, para irem ganhar o pão — nada mais que pão — nos armazens onde se prepara o peixe, fétidos, trescalando ao azeite quente.

Acudira-lhe á mente a lembrança da capella sobranceira á aldeia, cujo campanario alvejante apontava aos barcos, no largo mar, a passagem dos recifes. Lembrava-lhe a relva curta do cemiterio e por entre ella a sinistra inscripção tantas vezes repetida: Morto no mar... Morto no mar...

Que precioso aroma, o do rcdovalho! Que sabor delicioso, apurado pelo sumo do camarão com que fôra temperado!...

Uma nova recordação affluíu ao espirito do philosopho, a do

dia seguinte ao da borrasca, n'uma certa manhã negra e chuvosa, em que elle havia topado com o esquife d'um velho marinheiro que conduziam ao cemiterio. N'esse momento atravessou-lhe o coração um estranho calafrio.

A esse tempo já os creados tinham levado os pratos e feito desaparecer os vestigios do gigantesco habitante dos mares, ao mesmo passo que os convivas proseguíam a animada conversação. Applacada a fome os comensaes, então mais animados, fallavam com mais vivacidade. O murmurio comedido, a alegria moderada começavam a propagar-se.

Aprazível, encantadora sociedade!...

N'este ponto o silencioso conviva tornara-se taciturno.

Assaltara-lhe a imaginação a idéa de quanta lida, quantas angustias, quantas lagrimas de uns, não custa o conforto e o bem estar de outros!

Para que aquelles homens da alta sociedade podessem trajar

uma simples casaca em dezembro; para que taes damas podessem mostrar o collo e os braços, fôra necessario que o fogo espalhasse na sala o tepido calor d'uma manhã de estio.

Quem forneceu, porém, o carvão de pedra? o condemnado das regiões subterraneas, o miseravel do sub-solo, do lobrego inferno das minas.

Como é rosada e fresca a cutis d'aquella joven, para triumphar victoriosamente do ajustado corpete de setim!..

Quem urdiu, porém, o fino tecido que lhe veste o seio gentil? A aranha humana de Lyão, o miserando cannuto, perenemente acorrentado ao tear das leprosas offeinas.

Pendem-lhe dos pequeninos lobulos das orelhas duas perolas preciosas! Que esplendido orientel que transparencia opalina a d'aquelle dois raros grãos de nazar, perfeitamente esphericos! A perolas que Cleopatra enguliu depois de dissolvida no vinagre, avaliada em dez mil sestercios, não tinha seguramente mais pureza...

E subirá porventura essa dama que além, muito longe, em Ceylão, nos barcos dos pescadores de ostras em Arippe e Condatyby, os indios para roubarém ao mar aquella joia de alto preço, mergulharam a doze braças de profundidade, heroicamente, com o pé no estribo de pedra que os arrasta ao fundo e a faca em punho para combater com o tubarão?

Mas a que vem tudo isso?

São gentis e formosas as comensaes. A sala do jantar sumptuosa. Tepido e perfumado o ar. As donairosas damas folgam alegremente em meio dos risos e gracejos, decotadas, deslumbrantes de joias, requebradas, fallando vivazes com os seus visinhos.

Que relação pode haver, pois, pergunto eu, entre qualquer d'essas creaturas, com o operario, sordido, repellente, que fende a terra cincoenta pés abaixo do solo; com o tecelão alquebrado sobre o tear; com o selvagem que desce ao fundo das aguas que tantas vezes tinge com o seu sangue? Que excentricidade!..

E todavia, o poeta, o philosopho não abandona a sua idéa fixa.

N'esse momento esmigalhava elle, distrahidamente, sobre o guardanapo um pedaço de miolo de pão que tinha junto do prato. Não era pão, era um bolo finissimo, um alimento de phantasia, posto que o mais modesto do banquete. Pão, nada mais do que pão amassado com a farinha do trigo, como o pão do camponez, ou a broa do cabreiro; e no entanto, para que esse pão chegasse á mesa do abastado, que trabalho paciente custou a tantos miseraveis!..

Arou o camponez a terra, revolveu-a, guiou a charrua e a grade por sobre a terra dura, quebrando os gelos do outono, e semeou então. Mais d'uma noite acordou assustado ao rugido da tempestade; mais d'uma vez estremeceu de medo ao ver perpassar no ceu as roxas nuvens da tormenta, despedindo apoz si a saraiva assoladora. Extenuou-se, fundiu-se em suor, mystificou-se para levar a cabo a sua ardua tarefa. Moeu a farinha o moleiro, tolhido de dores adquiridas nas brumas da ribeira; accarretaram-na para a cidade os moços, vergando ao peso dos saccos. Nos subterraneos da padaria gemeram, extenuados, até manhã, os amasadores e os forneiros. Toda esta lida custou esse pedaço de pão distrahidamente esmigalhado entre os dedos... Novo incentivo para as reflexões do incorrigivel scismador.

As delicias do banquete não faziam afinal senão trazer-lhe á memoria os soffrimentos humanos.

Pois se até, quando o creado lhe serviu o vinho da Madeira, foi lembrar-se dos fabricantes de garrafas que morrem tysicos a força de soprem o vidrol...

Decididamente tanta philosophia chega a tocar o ridiculo. Pois elle ignora que o mundo está assim constituido? Um economista soltava-lhe uma gargalhada na cara. Seria caso do poeta se converter em socialista?

Toda a vida hade haver ricos e pobres, pela mesma razão porque ha gente escorreita e ha corcundas. Além d'isso, os felizes que tem na sua presença, não o são injustamente. Não são quaesquer favoritos vulgares do Bezerro de ouro, quaesquer burguezes endinheirados e rusticos.

O elevado personagem que preside ao banquete usa d'um nome associado a todas as glorias do seu paiz.

O general que ali védes, já encanecido, é um verdadeiro heroe, cuja intrepidez se assignalou em dezenas de batalhas. Aquel'outros, um poeta e um pintor, são dois apostolos da arte. Ess'outro, um chymico abalisado que, estreitando-se na vida como simples ajudante de pharmacia, é hoje escutado reverentemente pelo mundo sabio, como um oraculo.

Essas damas que admiraes são genuinamente nobres por extirpe e pela alma: boas, compassivas, generosas. Quantas vezes não teem, a occultas, enxugado as lagrimas do infortunio! Porque razão, pois, não hão de taes creaturas disfructar gosos excepcionaes?

Assim pensava o nosso philosopho, convencido de que fôra injusto. Decididamente os seus commentarios não passavam de objurgatorias para armar ao effeito n'alguma botica de provincia.

O sombrio scismador teve de envergonhar-se de si mesmo.

O banquete tocava o seu termo.

Ao librem se as ultimas taças de champagne, fez-se o silencio.

Os convivas começam a sentir a fadiga da digestão que principia.

O poeta fita-os um apoz outro. Lê-se em todas aquellas phisionomias a expressão da saciedade, da sensibilidade embotada, que o inquieta e desgosta.

E então um sentimento obscuro e vago, mas devéras amargo, protesta a seu pesar no fundo da alma contra essa festa; tanto assim que, ao levantar da mesa, murmura ainda com a natural obstinação do seu espirito—Assim é; estão no seu direito!... mas esta gente reconhecerá acaso que toda essa opulencia é formada de tantas miserias?... Attentarão acaso n'isso alguma vez ou tantas vezes quantas deviam? Attentarão?...

Trad.

VIDIGAL SALGADO.

A ARSENALADA

II

No dia 10 de fevereiro de 1838 appareceram, n'um supplemento da folha official, decretos demittindo Rodrigues França de inspector do Arsenal, e mandando dissolver o batalhão de artifices «em consequencia dos actos de insubordinação ao governo, ultimamente por elle praticados».

Estas medidas, altamente necessarias para a manutenção da ordem, vieram atear o fogo da revolta, quasi extincto já. Os partidarios da sedição, e sobretudo os que n'ella haviam tomado parte, principiaram logo a declamar contra ellas, alcunhando-as de verdadeira infracção da convenção ajustada, quando era certo que em tal documento se não havia comprometido o governo conservar o batalhão do Arsenal com a organização que tinha e muito menos a não demittir Rodrigues França.

Os clamores das ruas encontraram tambem echo no parlamento, onde a revolução contava alguns partidarios. Na sessão d'aquelle mesmo dia, o deputado Leonel Tavares, interpellando o presidente do conselho, disse que lhe parecia que as condições assignadas ao batalhão do Arsenal haviam sido violadas pelo decreto que o dissolvia. O visconde de Sá respondeu que a dissolução devia ser vista pelo lado da disciplina, e que elle, velho militar, estando habituado a obedecer e a ser obedecido, não podia deixar de reconhecer que a subordinação militar é uma necessidade absoluta, sem a qual não podia haver exercito, nem ordem nem liberdade; que era necessario que as forças da nação, quaesquer que fossem as suas denominações, tivessem a convicção de que o seu primeiro dever era a obediencia á lei; que os alistados n'estas forças gosavam, sem duvida, dos seus direitos como cidadãos, mas tinham, como militares, determinadas obrigações a cumprir; que o corpo de que se tratava, tinha, por alguns dos seus actos faltado ao que exigem as leis da disciplina; que o governo reconhecia os importantes serviços que este corpo tinha prestado, que se lhe devia em grande parte o triumpho obtido em novembro de 1836, mas que elle não o havia dissolvido senão em consequencia de faltas militares, que não podiam ficar impunes; e que o governo jámais tinha querido privar-se dos serviços dos homens que formavam este batalhão, os quaes podiam continuar a prestal-os em um outro corpo, sob uma nova denominação; e que a revolução de setembro tinha n'elles um grande apoio».

As declarações do presidente do conselho, apesar da geral approvação com que foram recebidas pelo congresso, não conseguiram aquietar os animos, cada vez mais exaltados. A agitação crescia sempre. O novo administrador geral convocou para uma conferencia os commandantes dos batalhões da guarda nacional, afim de assentar no meio mais seguro de não ser de novo alterada a ordem publica. Declararam todos unanimemente que havia um unico: era a revogação dos decretos que haviam dissolvido o batalhão do Arsenal, e demittido Rodrigues França. O governo recusou ceder a tal exigencia, como attentatoria da sua dignidade. E havendo se realisado nova conferencia no dia 12, agora com a assistencia de Rodrigues França, os commandantes d'aquelles corpos declararam terminantemente que não respondiam por estes, e que se demettiam em massa. Rodrigues França disse que estando o povo de Lisboa decidido a sustental-o no seu logar, porque o julgava o mais firme apoio da revolução de setembro, só quando o mesmo povo lhe declarasse, que elle não devia continuar no seu emprego, se daria por demittido. O governo, apesar de muito reduzido, pois Sá da Bandeira e João de Oliveira accumulavam com as pastas que já tinham, as do reino, da guerra e da justiça, por se haverem demittido, dias antes os ministros respectivos, mostrou se forte, e decidido a recorrer á força para por uma vez acabar com a anarchia que trazia sobre saltada a maioria dos habitantes da capital.

Na noite de 12 para 13 houve toques de alarme nos quartéis da guarda nacional; mas de madrugada já toda a tropa de linha estava postada nas immediações do palacio das Necessidades, e



O IMPERADOR ALEXANDRE II, DA RUSSIA

nas esquinas affixadas proclamações da Rainha, da commandante da 1.ª divisão militar, e do administrador geral do districto de Lisboa. N'uma das salas d'aquelle mesmo palacio, reuniram-se pelas 8 horas da manhã d'aquelle dia, 13 de março, os membros do congresso, que, constituindo-se ali mesmo em sessão secreta, decidiu manifestar à rainha, por meio d'uma mensagem verbal, que o congresso estava na firme resolução de defender os seus direitos constitucionaes e de sustentar as prerogativas da corôa. O deputado José Estevam popoz que o congresso, depois de manifestar a Sua Magestade os sentimentos de que se achava possuído, se retirasse para S. Bento, para ali deliberar; alías dir-se-ia que o fizera sob a influencia do throno e com receio do povo. Esta proposta foi approvada, e ás 11 e meia da manhã reunia-se novamente o congresso, mas agora no seu proprio palacio. Principião tempestuosamente a sessão. José Estevam propoz logo que se dirigisse uma mensagem à guarda nacional, porque, havendo-se protestado à rainha que os seus direitos seriam mantidos nos limites da constituição, se tornava necessario fazer identica declaração ao povo.

Iniciado assim o debate, muitos deputados pediram seguidamente a palavra, discutindo alguns com vehemencia os acontecimentos dos ultimos dias, e o estado de anarhia em que se encontrava a capital. Com isto procurava-se apenas agravar o mal, e prolongar a sessão, de forma que não terminasse antes da noite, alías dos sediciosos melhor prepararem os meios de poderem triumphar no dia seguinte. O visconde de Sá, que assistia a sessão, informado de quaes eram as intenções dos deputados opposicionistas, partiu immediatamente a juntar-se ás tropas encarregadas de submitter os batalhões revoltados da guarda nacional. Depois de haver saído do palacio das côrtes escreveu ao presidente do congresso, pedindo-lhe que informasse a camara de que a guarda nacional, continuando a conservar-se reunida em diferentes pontos, apesar das ordens em contrario do governo, o obrigava a empregar os meios que tinha à sua disposição para manter a ordem publica, a constituição, a dignidade do throno e a do governo.

III

A decisão energica do visconde de Sá mudou desde logo o aspecto do tumulto.

A força de linha marchou em duas columnas, uma sob as ordens do general visconde de Reguengo, e o visconde de Sá acompanhou, e a outra debaixo do commando do general barão do Bomfim. Os dois generaes receberam ordens para não empregarem a força senão em ultimo extremo, procurando dispersar os sediciosos por meios suaviosos.

Eram duas horas da tarde quando o barão de Bomfim, à frente da sua columna, desceu pela calçada do Marquez d'Abrantes, até ao largo do Conde Barão, sem encontrar sombra de resistencia. Em seguida, dirigiu-se ao convento de Jesus, quartel do 45.º batalhão da Guarda Nacional, que, conjuntamente com algumas praças do ex-batalhão do Arsenal, se achava em armas. Alías de evitar que se lhe fossem reunir novas forças, Bomfim mandou postar piquetes de caçadores n.º 2 nas boccas das ruas que iam dar ao largo do convento, enquanto que uma força de infantaria 18 foi tornar a convento pela rua da Cruz. Comandava esta força o capitão Sarriz, que, ao desembarcar d'aquella rua, intimou o piquete, que se achava a porta do quartel, para que se retirasse. Esta intimação foi ainda repetida uma ou duas vezes, mas sem resultado; em vista do que aquelle official avançou com a força do seu commando, sendo recebido com uma descarga, que o feriu mortalmente. Os soldados atacaram immediatamente a bayoneta o piquete da guarda nacional, e n'um momento ficaram senhores d'esta entrada do quartel, cuja defeza custou algumas vidas. Tomada a porta, o resto da força abandonou precipitadamente o edificio, que foi occupado pela tropa de linha. O resto da columna continuou a marchar pela calçada do Combro para o alto de Santa Catharina, onde se achava reunido quasi que todo o 16.º batalhão da guarda nacional e algumas praças do Arsenal, que dispersaram pacificamente a sua apparição.

Quasi que ao mesmo tempo, marchava para S. Pedro de Alcantara a brigada do commando do visconde de Reguengo, que, depois de haver dispersado o 14.º batalhão da guarda nacional que ali se havia reunido, foi juntar-se à força do commando do barão de Bomfim, até que de novo se separaram ao chegar ao Loreto. Bomfim seguiu pela rua do Alceirim, passou ao largo do Pelourinho, e, fazendo occupar pelo batalhão de saposadores o Arsenal de marinha, foi postar-se com o resto das forças que commandava no Terreiro do Paço. O visconde de Reguengo dirigiu-se ao quartel da artilheria da guarda nacional, na Boa Hora, que encontrou vazio, e, depois para o campo de Sant'Anna. Aquí tinha estado formada aquella artilheria, e bem assim a maior parte do batalhão do Arsenal, mas pouco antes deixara este local para ir occupar o largo da Graça, onde assentaram as peças ás boccas das ruas. Era bastante numerosa esta força, pois comprehunha-se, alem dos corpos já mencionados, de fracções mais ou menos importantes dos outros restantes batalhões da guarda. O administrador geral Costa Cabral, que acompanhava a columna do visconde de Reguengo, dirigiu-se como parlamentar a os sublevados, alías de os levar a dissolverem-se, mas nada conseguiu, recebendo por essa occasião

da parte d'elles os maiores insultos, e chegando até a correr grave risco de ser assassinado por elles. O visconde de Sá foi tambem depois parlamentar com os sediciosos, nada conseguindo tambem como elle. «Eu mesmo fallei aos sublevados, dizia depois o honrado militar e notavel estadista no congresso, em varias occasiões, e estive no largo da Graça entre elles; confesso que me trataram muito bem, e pedindo-me que os acompanhassem até ao Rocio, eu marchei à sua frente. Chegando ali, formaram as forças dos batalhões da guarda nacional, que se achavam reunidas; chamei os seus commandantes a uma casa, alías de assentarmos na maneira mais prompta de se dispersarem, e para que retirasse cada individuo tranquillamente a sua casa.»

A vanguarda da columna do visconde de Reguengo, que havia marchado em seguimento dos amotinados, foi detida pelas suas vedetas, que se achavam no largo de S. Domingos. Quando o brigadeiro Moura, chefe do estado maior, e outros officiaes, tentaram dissuadir os guardas nacionaes de resistir ás ordens do governo, uma descarga de fuzilaria, disparada do palacio dos condes d'Almada e de algumas janellas da rua Nova da Palma, deu lugar a que se travesse um pequeno tiroteio entre os guardas nacionaes e a tropa de linha, de que resultou haver mortos e feridos de parte a parte, contando se no numero d'estes ultimos, o general visconde de Reguengo, que teve tambem morto o cavallo em que montava.

Alguas descargas, porem, da tropa de linha bastaram para pôr em descrédito e completa debandada os sediciosos, que fugiram em diferentes direcções, deixando muitos d'elles as armas. A artilheria da guarda nacional, retirando pela rua do Oiro, quando por ali avançava a columna do commando do barão de Bomfim, fez dois tiros de metralha, que não produziram d'anno algum, mas que fizeram com que 7 de infantaria carregasse sobre os amotinados, e se apoderasse d'uma peça de artilheria, que era defendida por repetidas descargas de fuzilaria, aprisionando alguns defensores. Continuaram contudo os artilheiros da guarda nacional a retirar as outras cinco peças e foram-nas levando para o quartel da Boa Hora, onde tentaram ainda fazer-se fortes; mas em breve foram tambem postos em fuga por uma força de linha do commando do coronel Bastos.

Estava portanto terminada a sedicção, a tropa de linha, avião çando pelas diferentes ruas da baixa, fez desaparecer o resto dos amotinados, que não foram mais perseguidos.

Exagerou-se depois muito o numero dos mortos e feridos, mas parece que ao todo não passaram de 30 ou 40. E aqui está o que foi a celebre *Arsenalada*.

MARQUES GOMES.

AS NOSSAS GRAVURAS

JOAO HENRIQUE MORLEY

Damos hoje o retrato de João Henrique Morley, cirurgião em chefe do exercito, ha pouco fallecido.

O conselheiro Morley encetára a sua carreira n'uma epoca em que as luctas civis absorviam a maxima parte do tempo de todas as corporações fardadas e de todo o paiz; e por isso mais o temos a admirar na sua bravura e gentileza de militar, do que na sua obra de sciencia, que, alías assim, foi distincta como clinico e como administrador.

Assentou praça aos 22 annos de idade, como cirurgião ajudante, depois de haver concluido o curso da Escola medico-cirurgica de Lisboa, em 10 de outubro de 1840; foi promovido a cirurgião-mór em 13 de janeiro de 1845, fazendo neste posto a campanha de 1846, e entrando nas acções de Vianna do Alentejo, onde se tornou oitavel pela sua bravura, e do alto do Vizo, onde prestou largos serviços aos feridos. Por effeito da revolução de 1851, foi graduado cirurgião de brigada, em 25 de abril d'esse anno, e n'este posto serviu no paço, junto à cabeceira do leito em que expirou o infante D. João, coronel de lanceiros, sendo por tal serviço agraciado com a commenda da Conceição. Foi promovido à effectividade do posto de cirurgião de brigada em 26 de março de 1862, servindo então como director do hospital do Porto e como inspector na antiga 4.ª divisão, com sede em Braga. Promovido em 14 de abril de 1873 a cirurgião de divisão, na 3.ª divisão, passou depois para a 1.ª, onde lhe coube a promoção a cirurgião em chefe, em 27 de abril de 1881, sendo então agraciado com a commenda de Aviz, e pouco depois com a carta de conselho, mercês que para elle foram propostas pelos ministros da guerra Sanches de Castro e Fontes Pereira de Mello.

Esta prova de apreço e de estima, que lhe deu o actual director geral do ministerio da guerra e o illustre e fallecido estadista, saudoso chefe do partido regenerador, não foi unica na vida official do conselheiro Morley.

O actual ministro da guerra, visconde de S. Januario, sobre da he provas de verdadeira e intima amizade, ainda ha pouco lhe mostrara desejo de o fazer agraciado com outra commenda, o que

elle pediu que se não realisasse; e na derradeira homenagem, acompanhando-lhe os restos mortaes, mostrou bem quanta amizade e consideração dava ao homem, cujas ultimas palavras foram a confissão altiva de que sempre detestara os cobardes.

O numeroso cortejo que compoz o seu sahimento fonebre, onde se representaram largamente todas as corporações do exercito, foi o levantado testemunho de quanto o nobre caracter de João Henrique Morley era apreciado entre os seus camaradas e entre os seus collegas.

ENVENENAMENTO DE SOPHONISBA

(Historia de Roma)

Sophonisba nasceu em Carthago e era filha de Asdrubal, famoso general cartaginês. Destinada primeiro por seu pae a ser esposa de Massinissa, casou com Syphax, rei dos Numidas, a quem desligou do partido dos romanos. Syphax foi porêr derrotado por Lélius e feito prisioneiro. Sophonisba ponde então ligar-se a Massinissa. Quando este ia desposal-a, Scipião, arreceiando-se da influencia de Sophonisba, reclamou a princeza, que, não querendo passar pela humilhação de ser levada para Roma, pediu a Massinissa, como brinde de nupcias, uma taça com veneno, que bebeu corajosamente.

A nossa gravura, que representa este episodio, é extrahida da magnifica *Historia de Roma*, de Duruy, da qual se publicou já a 3.^a caderneta.

Pinheiro Chagas, por felicidade já de todo restabelecido, está completamente entregue á traducção da valiosissima obra, sendo este o primeiro trabalho a que se dedicou.

O IMPERADOR ALEXANDRE II, DA RUSSIA

Entre a nossa galeria de retratos, não figuram só os dos personagens vivos. De quando em quando, é bom aqui recordar os mortos, quando elles fôram grandes e illustres.

Figura no numero d'estes o imperador Alexandre II, da Russia, cujo fim foi tão tragico e desgraçado.

O imperador Alexandre nasceu em S. Petersburgo a 29 de abril, de 1818; succedeu a seu pae, o imperador Nicolau I, Pauloritch, a 2 de março de 1855; foi coroado solemnemente a 7 de setembro do anno seguinte, e casou, em abril de 1841, com a princeza Maria Alejandrowna, que nasceu a 8 de agosto de 1824, filha dos gran-duques de Hesse, Luiz II e Guilhermina Luiza.

Alexandre II teve seis filhos. O primogenito é o actual imperador Alexandre III, nascido em março de 1845 e casado desde novembro de 1866 com Maria Feodorovna, filha de Christiano IX, rei da Dinamarca.

MODAS

— Mantilete phantasia de velludo e renda. Corpete de velludo granada, guarnecido no peito com dois rebuços de renda preta, emmeldurando uma camizinha de tulle, salpicada de contas. Gola de tulle, guarnecida de um folho de renda. Duas tiras de velludo granada acompanham o tulle da camizinha. Mangas curtas de renda, enfeitadas com laços de velludo. Um folho de renda, tendo de espaço a espaço alguns laços de fita, cae sobre as ancas. Completa esta *toilette* uma saia de renda, guarnecida na frente com uma charpa de renda tecida com contas e debruada de velludo.

2—Capa de siciliana e renda. Grande polonaise, feittio princeza, em siciliana verde musgo, adornada na frente com um pregueado de renda, partindo dos hombros e formando rebuços dos dois lados do plastron, bordado a passamantaria preta e doirada. Tanto os lados como o puff da polonaise são armados por meio de folhos de renda sobrepostos.

THOMAZIA VELLOSO

Em plena mocidade, cheia de vida, de formosura e de talento, acata de fixar-se no Porto esta gentilissima actriz, que, tão nova ainda, chegara a conquistar um lugar dos mais distinctos na scena portugueza.

Thomazia Velloso, se bem nos lembra, fizera o seu *debute* artistico, ha cerca de dez annos, no theatro do Principe Real, em Lisboa.

Muito nova, muito graciosa, possuindo em subido grau a simplicidade de uma elegancia natural, e o encanto de uma belleza persã, a juvenil artista, em dois papeis que fez, o da endiabrada educanda do *Verde Gaió* e o da criada de uma parodia n'um acto os *Sinos de Corneville*, cahiu logo na graça do publico.

E como lá diz o ditado—Mais vale cabir em grãca do que ser engraçado—e como ella além d'isso tinha grãca, a sua voz pequenina, fresca, modulando-se facilmente a todas as notas da musica da opereta, enthusiasmava o publico que, no egoismo dos seus sete tostões, obrigava a pobre artista a repetir tres e quatro vezes todas as coplas do seu papel.

Hoje, Thomazia Velloso estava já uma perfeita artista. A sua presença em scena não tinha já, é verdade, aquelle encanto de então, porque a creança transformara-se em mulher, mas a sua elegancia era a mesma, os seus olhos conservavam sempre aquelle negro brilho de outr'ora, e a sua voz mais vasta, mais educada, marcava-lhe um lugar dos poucos que infelizmente entre nós se podem conceder ás interpretes da opereta portugueza.

Desgraçadamente, a morte veio buscal-a, quando Lisboa a esperava depois de uns sete annos de ausencia!

MEXICO

Capital da republica mexicana e do districto federal do Mexico. Tem 205.000 habitantes.

E' a séde do congresso mexicano, do presidente e das auctoridades superiores da republica.

A antiga cidade do Mexico, fundada em 1325 pelos Aztegues, chamava-se Tenochtitlan e ficava na bacia oval formada por uma serrania de montanhas porphyriticas, e cheia por cinco lagos, ficando a cidade ao norte de dois, na parte oriental de um terceiro.

A cidade assenta em terra firme, a uma legua dos lagos.

Os seus monumentos mais notaveis são a cathedral, o Sacrario, os antigos conventos de S. Francisco, S. Domingos e Mercês, o palacio nacional, o museu, escola de minas, escola militar, etc.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charada

Minha senhora:—eu sinto
No meu corpo um calafrio,
Se por acaso me diz
Que se deita a este rio!—1.

Bem sabe vossa excellencia
Que servo mais dedicado
Não o encontra por certo
N'um painel mesmo pintado.

Attente pois, gentil dama,
E preste toda a attenção
A quem com tanto cuidado
Lhe administra a pensão.—2

Receba, pois, com affecto
Caricias de tal feitor,
Que n'um momento lhe exprime
Inolvidavel amor!

Vizeu

Pequeno Antoninho.

Logogrifos

(Ao charadista J. G. DA CRUZ MENDONÇA (de Leiria))

(NOVISSIMO)

1	2	2	2	3
Q	M	D	P	A

ADAGIO

PETIT DIABLE.



1

2

MODAS

(Ao charadista L. MÉGA)

PEIXES
 — 4-9-3-10-4-9
 — 1-5-1-9
 — 5-4-9
 — 5-4-6
 — 6-7-8-10
 — 9-8-8-9-2-9

AMOR DE MELLO.

Decifrações

DAS CHARADAS:—Claraboia—Espalhafato.
 DO ENIGMA:—Pôça.

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA LIMPAR OS VIDROS DOS ESPELHOS

Piza-se um pouco de anil até ficar reduzido a pó bem fino; com um panno limpo, humedecido, toma-se algum d'este pó e passa-se sobre o vidro, esfregando-o levemente, e limpando-o depois com outro panno secco.

Usa-se tambem, para o mesmo fim, de cinza bem peneirada, molhando o panno em aguardente. O processo é igual ao que vimos de indicar.

Algumas pessoas servem-se do alvaiade, mas este tira o lustre ao vidro, e deve portanto ser banido.

A RIR

Uma mulher queixa-se amargamente do abandono em que seu marido—um bebado emerito—a deixa todos os dias.

—Imaginem, diz, ella, que o miseravel passa a vida inteira na taverna!

—Oh!

—Se ao menos me levasse comsigo, vá; mas deixa-me só em casa!...

O commendador Anastacio está junto do leito de sua mulher, que se acha gravemente enferma, n'um estado desesperado.

Anastacio reflecte, pensa no futuro, e diz de repente, como se fallasse comsigo mesmo:

—Escuta, minha filha: logo que um de nós morra, irei viver para o campo.

O CORO DOS ANJOS

(Conto, por D. PEDRO DE ALARCON)

(Traducção de A. Gallis)

Uma alma á moda

Eram as sete menos um quarto de uma manhã de dezembro e ainda não tinham chegado ao horisonte de Madrid, noticias de um sol que devia ter desaparecido na tarde antecedente ás quatro e meia, e do qual, havia algumas semanas, só se sabia na cidade pelo respectivo calendario dos almanacks, porque as nuvens de um obstinado temporal não permittiam vel o cara a cara nem um minuto.

A's sete e cinco minutos, recebeu-se emfim uma parte telegraphica molhada pela chuva, e interrompida pela neve, que dizia o seguinte:

«Palacio da Aurora. — Districto de Madrid. — Deus aos homens:

«Senhores: Acaba de amanhecer um dia mais. O de hontem fica archivado pelo Padre Eterno na pagina 347 do in folio 5940 dos tempos. Estamos a 13 - Santa Luzia. Faz um frio de todos os demônios. Deixem a cama. — Cada um ao seu trabalho e contem commigo. Bons dias.»

Escusado será dizer que esta parte telegraphica c. rreu com a velocidade do raio pelos quatro angulos da povoação.

E com effeito, poucos momentos depois, conheceu-se que o sol cevia andar pelo ceu, e principiou nas casas e nas ruas uma d'essas manhãs frias, e indifferentes aos nossos pezares, que chegam sem que ninguem as chame, muitas vezes contra os desejos de alguem ao finalizar uma noite de amor ou de escandalo, ou a pôr termo á triste vigilia passada á cabeceira de um moribundo. Manhãs subitas, inesperadas, aleivosas, nem prophetisadas pela rosea luz da alva, nem coroadas pelo rocio matinal, nem arreboladas por nuvensinhas crepusculares, e que por isso mesmo não deixam madrugar, nem as flores, nem as meninas de treze annos, nem merecem uma saudação das codornizes engaioladas ás janellas.

Manhãs, emfim, que se parecem ao *Diario de Avisos* que se mettem em nossa casa todos os dias, por debaixo da porta, todos os dias, fatalmente, dizendo-vos: «o mez caminha, e vossos credores contam pelos dedos os dias que faltam», o que vos faz saltar da cama lamentando-vos de gozardes boa saude e não terdes emprego official, ou fazendo-vos desejar o proximo fim do mundo.

Diziamos pois que tinha principiado uma d'estas manhãs...

N'aquelle momento appareceu á porta de uma magnifica casa da rua do *Barquillo* um elegante joven de vinte e dois a vinte tres annos, o qual explorou a rua com o olhar, como se temesse ser visto pelos transeuntes, e deslisou depois junto da parede como se tambem receiasse ser visto das janellas da casa d'onde acabava de sair.

Todas estas precauções eram necessarias, porque o seu traje, nada proprio da hora e do estado do tempo, dava a entender ao menos malicioso, que o madrugador não vivia ali e que no entanto ali havia passado a noite...

Expliquemo-nos. Acabámos de dizer que estava amanhecendo e que chovia... Pois bem; Alexandre (assim se chamava o joven) ia em traje de baile, a julgar pelo seu sapato de polimento, a gravata branca e a calça de finissimo panno preto. A casaca não se via, graças ao misericordioso *paletot*, porém adivinhava-se facilmente. Era indiscutivel que na noite anterior tinha havido baile n'aquella casa, o qual devia ter terminado algumas horas antes, visto a ordem e repouso que reinavam no edificio, e não haver parado na rua nenhum trem particular ou de aluguer.

Encharcado e enlameado, sem parecer com isso incommodar-se muito, o joven subiu rapidamente a rua de Alcalá e entrou no café Suisso, cujas portas se abriam n'aquelle instante.

Alexandre estava pallido e melancolico. De vez em quando dilatava as suas fatigadas pupillas, como que para abarcar de um olhar todas as recordações d'aquella noite. Tambem se julgaria que lhe estavam fallando ao ouvido, ao vel-o sorrir de vez em quando e mover os labios como se respondesse ao echo de alguma voz.

Notava-se, emfim, a presença de uma mulher, no espirito e até no corpo de Alexandre.

A essa hora, quando se não tem dormido, todo o nosso ser está dominado pelas circumstancias da insomnia.

O que passou a noite em deligencia, julga que ainda viaja; o que esteve n'um baile, ouve a musica no seu cerebro e vé os pares, as luzes, e sente as pisadellas e cotovelladas, e o que esteve só, durante quatro horas de mysterio, no gabinete de uma grande mulher, sente-se penetrado da sua alma, da sua vida, da sua voz, do seu aroma e do seu amor. E é digno de vér-se então com que ar de somnambulos andam pelas ruas estes ultimos tresnoitados, com que desdem olham a quantos encontram, e como desafiam as artes de todas as *coquettes* havidas e por haver...

Tal era a attitude de Alexandre, com a unica differença, que seu rosto expressava mais que amor, assomos de melancolia, ou talvez um principio de desgosto, alguma cousa, emfim, que havia sobrenadante aquella noite, no revoltado mar de alheias e proprias complacencias.

Um moço de café, que limpava os espelhos, chegou-se a elle e arrancou-o das suas meditações, dizendo-lhe:

—O que deseja?

Alexandre pediu chocolate, que saboreou com appetite.

Desde aquelle momento começou a desvanecer-se a sombra da grande mulher.

A bocca de Alexandre sabia a chocolate e não a apaixonados beijos, e um cigarro de Manilla encarregou-se de dissipar do seu nariz a ultima molecula do aroma querido.

Sabiu pois o nosso homem, do café, com crescente mau humor, convencido sem duvida de que tinha perdido a noite, de que tinha muito somno, e de que, portanto, tambem perderia o dia.

Cada vez chovia com mais força, pelo que pensou em mandar buscar um trem á *Puerta del Sol*, que o conduzisse a sua casa na rua de Isabel a Catholica; porém, não executou este primeiro pensamento, e sem fazer caso da chuva, dirigiu-se a pé para a rua do Principe, no meio da qual se deteve diante de uma casa de graciosa e elegante apparencia.

A porta, assim como as janellas, estavam ainda fechadas.

O joven fixou os olhos em uma das persianas do rez-do-chão, e permaneceu mais de meia hora immovel, como uma estatua. Refferiram os seus pensamentos, bem differentes d'aquelles que o assaltavam no café Suisso.

--Esta é a persiana da janella do seu gabinete, pensou elle; em frente está a porta da sua alcova. Ali dorme n'este instante aquella formosa creança de 17 annos. Deve ter passado a noite d'um só somno, embalada docemente nas fantasias da sua innocencia. Em que pensaria? Que sonharia? Lembrar-se-hia de mim? Hntem, no baile, quando viu que eu ficava, apesar de se retirar com os meus amigos, sorriu-se com ironia como que deitando-me na cara as minhas relações com a baroneza.

Eram ciúmes? Era odio? Era amor? Era desprezo? Não o sei, e não sabel-o é o meu maior martyrio. Só sei que sou um miseravel. Oh! creança sem coração! Orgulhosa formosura... Se é verdade que me amas, porque m'o não dizes quando t'o pergunto? E se não me amas, porque me olhas, porque me enlouqueces, porque me tiras o somno?

Oh! thesouro de perfeições, escondido a todos os olhares na soledade de um leito virginal! Saber que estás a dez passos de mim... abi em frente... detraz d'essas vidraças, indifferente á paixão, avara da tua belleza, surda á voz da tua juventude, superior á natureza que te creou, adivinhar-te no teu indifferente repouso, adormecida sobre a palma da tua mão direita, com o braço esquerdo cruzado sobre o seio, com o luxuriante cabello recolhido em uma seductora trança, como eu sei que tu dormes, como uma vez te vi dormir, imaginar o leve ruido da tua respiração, os teus vagos e deliciosos contornos sob a colxa que te cobre, o esquecimento em que te encontras de ti mesma, tudo isto me faz aborrecer as caricias da baroneza, e rejuvenesce o meu atropiado coração, infundindo-me idéas e desejos de uma felicidade tão completa, que eram insufficientes mil existencias para gozal-a.

E tu nada sentes, nada desejas, nada sabes! Tu casarás estupidamente com outro, e eu não terei os cuidados da tua vida, não tu a minha confiança, nem eu os teus segredos, nem caminharemos juntos pelo mundo, nem usarás o meu nome, nem me chamarás teu, nem me pedirás dinheiro, nem os teus filhos serão meus, nem deitarás luto quando eu morrer. Ah! Elisa! que farei para esquecer-te?

Por aqui ia Alexandre com as suas lamentações quando se abriu a porta da casa de Elisa, dando passagem a uma creada que sahia e ao aguadeiro que entrava.

O nosso joven girou sobre os calcanhares e tomou o caminho de sua casa.

Ao passar pelas Quatro Ruas, fixava os cartazes dos theatros e era um d'elles leu:

THEATRO REAL—«SAPHO»

Que alegre! (pensou elle esquecendo se de Elisa.) E' recita *pir*, toca ás do Embaixador das Tres Estrellas, e com certeza levarão Marianna.

Consultou o relógio. Eram sete horas. Tomou um trem e dirigiu se para casa.

(Continúa).

A CAVATINA

Elle era corista n'um theatro de opereta, e por esse motivo a Laurita, filha d'elle, creança de nove annos, ia muitas vezes ver o espectáculo para a caixa, e quando era preciso apparecer na peça uma creança, era ella a preferida em attenção ao pae, que embolsava os tostões respectivos.

Tudo corria bem na caixa e no lar domestico, onde a esposa do corista, se devotava conscienciosamente ao *ménage*.

No meio do deslizar monotono de operetas, succedeu um dia e trondear toda a imprensa com o annuncio de que o feliz e atilado empresario X... ia, a troco de enorme sacrificio, pôr em scena a famosa opereta de um maestro da moda que estava fazendo furor em Paris.

Demandava a nova peça, numeroso pessoal, e preciso foi encher a caixa a transbordar de comparsas, especialmente do sexo frgil.

Este acontecimento revolucionou o palco, como é facil suppr, e o nosso corista Anacleto, não foi dos ultimos a enthusiasmar-se.

Veu o bando dos comparsas, principiaram os ensaios e com ellas as intrigas, os namoros, toda a vida buliçosa e phantastica d'aquella mocidade de coração leve que vive meio d'arte, meio de prosa, entre o sério e o burlesco, entre o mundo real e o ficticio.

Nvas e arrebatadoras, escolhidas com profundo conhecimento profissional pelo empresario, as gentis coristas e comparsas, principiaram por fazer perder a cabeça á velha guarda do palco, antes de enlouquecerem o publico.

O Anacleto que tinha a *pose* de um mestre d'armas, agradou immenso a uma coquette, da qual se constituiu logo cavalheiro servente. Tudo marchou ás mil maravilhas como succede quasi sempre no começo d'este genero de ligações em que entra por muito o imprevisito, a facilidade e o suppor que se lhe pôde pôr ponto final, quando se deseja.

A' Laurita, coube tambem um pequeno papel de pagem na apparitosa peça, e era de ver a arte, o *entrain* com que ella atacava a cavatina, expressamente transportada para a sua voz de creança, de um timbre meigo e agradável. Ganhava por noite; dez tostões, e isso servia á maravilha para o Anacleto poder á sombra d'ella, fazer presentes á amante, sem a esposa o suspeitar, porque ignorava que a pequena ganhasse tanto.

Mas tudo tem um fim n'este mundo sublunar, ainda mesmo nas regiões theatraes. O publico cançou-se á centesima representação da peça, e o theatro voltou á prata de casa, desaparecendo o ruidoso rancho de coristas.

Principiaram então para o Anacleto os dias negros. Tinha levado muito longe os seus arroubos apaixonados pela gentil se-reia que, pelo seu lado, tudo lhe tinha sacrificado a acreditall-a sob palavra...

Sem habilidade para outra cousa sobre o tablado senão a sua exhibição plastica, era debalde que a pobre rapariga pedia ao céu uma nova peça franceza onde fosse escripturada: nada apprecia.

E o Anacleto levado á ultima estancia do desespero; impotente para arcar com a terrivel colera conjugal da esposa, já inteirada da paixão profunda, sem vintem e sem illusões romanticas, antes despenhado na prosa vil das casas de mutuo, encontrou só um expediente: fugir. E desapareceu de Lisboa com a figurante, sentindo só não ter um cavallo preto e um manto branco com capuz e borla no mais puro estylo arabe, para uma viagem em regra para o paiz dos sonhos. Não se é impunemente corista.

A pobre esposa do Anacleto cuidou enlouquecer de dôr quanto se viu abandonada. Profundamente lamentada por toda a vizinhança e collegas do marido, mas sem ninguem traduzir as suas consolações em beneficios praticos, em breve se viu a braços com a fome, ella a Laurita e uma creança de peito.

Sabendo que o galanteador Anacleto se refugiara no Porto, eil-a que obtem por subscrição entre os collegas do marido, o necessario para pagar a sua terceira classe no comboio, e vae em demanda do infel.

Alvorçada por um tenue raio de esperança, desembarca na cidade invicta e corre ao theatro onde o marido enche de ardor bellico os coros de soldados romanos n'um assalto formidavel a uma muralha de papelão.

Dizem-lhe que espere para fallar ao guerreiro depois da sua victoria, quando elle se recolha aos bastidores. Ella, a pobresinha, espera.

Mas avido ouvido á escuta estava, ciumento e cauteloso: era o da feliz rival, da juvenil amante do guerreiro do palco. E esta, corre por detraz dos comparsas e apoderando-se de uma orelha do glorioso vencedor, que se escapava debaixo do capacete de lustrosa pasta bronzeada, despeja-lhe dentro esta terrivel noticia:

—Está ali tua mulher!

Tão temerosa falla, resou aos ouvidos do illustre guerreiro, como *ex va victis* dos vencidos; e sem esperar pelo final da batalha, precipitou-se bravamente no meio das hostes inimigas, seguido da formosa figurante, e desapareceu do outro lado... do palco. Minutos depois, revestido do costume burguez e coberto com o pacato côco, dizia adeus á cidade heroica e refugiava-se em Braga.

Mas a esposa implacavel e esfomeada, com os seus filhinhos, um ao collo e o outro, a Laurita, pela mão, não desanimou e seguiu-lhe a pista.

No Porto, ninguem a conhecia e por tanto não se repetiu a esmola da subscrição. Que importava isso, a uma mulher e a uma mãe resoluta? Foi a pé. E viu-se então um espectáculo doloroso; aquella triste mãe descanzando á beira dos caminhos, recebendo poisada entre os pobres camponios, cheios de commiseração; cantando a Laurita para agradar aos povos por onde passavam, para se sustentarem.

E chegaram assim a Braga no fim de oito dias, rotas, descalças, desfallecidas de corpo, mas amparadas espiritualmente pelo seu immenso amor de mãe e filha, e pela sua coragem.

Aquelles oito dias haviam sido para o Anacleto a semana terrivel. O empresario indignado, tendo-lhe faltado repentinamente o seu general romano, que tinha um ar tão marcial e uma voz soberba que fazia o encanto do publico do seu barracão, teve de suspender os espectaculo; e como lhe havia pago adiantado dois mezes, deu parte á policia e fez uma gritaria medonha nos jornaes.

O Anacleto aterrado, ouvia do fundo da sua mansarda em Braga, o insolito pregão dos jornaes em que se pedia quasi a sua cabeça, e o pobre homem não saia á rua.

As viellas de Braga, illuminadas pelas lampadas dos ni-

chos santos, não viam tremular a sua bella capa hespanhola com bandas de velludo *grenat*, que tão bem lhe ficava.

A sua amante é que saiu; mas Deus do céol em breve fez-se um vacuo immenso na algibeira d'ambos. Era chegado o momento das acções heroicas. O ex corista de Lisboa, e ex-primeiro tenor do Porto, encheu-se da coragem e presença d'espírito, nunca desmentida na bohemia *pur sang* do palco; traçou a capa, metheu um punhal de comedia na algibeira, e saiu a correr aventuras.

Percorreu as ruas, meditando, rebufado até aos olhos na sua sombria capa, a pensar n'um expediente que o salvasse, quando, ao voltar uma esquina, parou surprehendido por um espectáculo curioso. Diante do nicho de um santo, muito enfeitado e illuminado, a multidão acotovelava-se em redor de uma mulher andrajosa, de que elle não podia distinguir as feições, a distancia a que se achava, nem ouvir a voz, tão enfraquecida era. Mas devia ser in-



THOMAZIA VELLOSO

pidamente para a multidão. A voz que se ouvia distincta, clara e vibrante, era a da Laurita, da sua querida filha; era a cava-tina da opera franceza. E todas as fibras do seu coração de pae, ainda não pervertido, vibraram apaixonadamente, com orgulho.

Então, acotovelando, estendendo o pescoço acima do povo, abriu passagem e chegou junto das mendigas, sem se mostrar. A Laurita acabava de cantar e estendia uma bandeji-nha, onde caíam moedas de prata e cobre. Chegando diante do pae, todo embuçado até aos olhos, não o reconheceu e estendeu tambem para elle a bandeja, timidamente...

Ouviu-se partir um soluço do fundo da capa hespanhola, e as duas vistosas bandas de velludo *grenat* abriram-se, deixando ver um homem que se precipitou sobre a pequena cantora, beijando-a freneticamente e exclamando:

—Laurita!

Imagina-se facilmente o que succedeu: um grande assombro no publico, interrogações vá-



MEXICO

teressante o que a mulher dizia, porque se ouviam exclamações de colera, d'essa boa colera popular, ingenua e boa.

O Anacleto, instinctivamente, teve medo. Quando de subito, fez-se um movimento na multidão, e vozes disseram:

—Ella vai cantar outra vez a oração...

O Anacleto que tinha notado a voz extremamente apagada da infeliz, não pôde reprimir uma gargalhada, e como nada o apressasse, dispoz-se a ouvir. Mas repentinamente, todos os cabellos se lhe puziram em pé; e cambaleando como um ebrio, avançou ra-

rias, e o inevitavel conego da sé, dizendo com ar bondoso, de pae nobre:

—Heide contar tudo ao sr. arcebispo! Venham d'ahi ceiar em minha casa. Coitados!

E a multidão:

—Viva o sr. conego!

E no dia seguinte, a caminho de Lisboa, o Anacleto e a familia, satisfeitos e reconciliados.

JOSÉ MARIA DA COSTA.